

Uma nova abordagem da necrópole da Moita do Sebastião

José Manuel Fernandes Rolão

1. Introdução

Este trabalho é uma primeira tentativa de abordagem de um conjunto arqueológico — necrópole da Moita do Sebastião — através de uma nova visão metodológica. A partir das novas perspectivas lançadas pela — Arqueologia da Morte — pretendemos retirar das inumações realizadas por Roche/V. Ferreira, novos dados de ordem espacial e social (hierarquia, relações de tipo familiar, sexualidade), tentando assim iniciar uma revisão global sobre as populações pós-wurmianas do Baixo Vale do Tejo.. A necrópole foi já anteriormente estudada e publicada por diversos autores, nomeadamente J. Roche (aspectos arqueológicos) e Denise Ferembach (aspectos antropológicos), entre outros. O material de base para este trabalho é composto, apenas, pelo recolhido nas escavações de Roche/V. Ferreira, realizadas nos anos 1952 a 1954. Outros materiais foram anteriormente recolhidos por Carlos Ribeiro, no séc. XIX, para os quais a análise será bastante mais complexa de realizar (principalmente devido aos métodos arqueológicos utilizados), mas que o autor pensa investigar, na sequência deste trabalho.

2. Localização geográfica

A vila de Muge situa-se a 80 Km a nordeste de Lisboa, na margem esquerda do rio Tejo, conhecida no «mundo da arqueologia» pelos seus «concheiros» mesolíticos.

Na ribeira de Muge, margem esquerda, a 6 Km da sua confluência com o Tejo, encontramos o lugar da «Fonte da Barra» onde se localiza o concheiro da Moita do Sebastião. Um pouco mais a montante da ribeira, cerca de 2 Km, encontramos o concheiro do Cabeço da Amoreira. Na margem direita existem dois outros concheiros: Fonte do Padre Pedro e Cabeço da Arruda. Cerca de 6 Km a Norte da ribeira de Muge, junto da ribeira da Fonte da Moça, dois outros concheiros foram detectados: Vale da Fonte da Moça I e II. Por fim a Sul da ribeira de Muge, na ribeira de Magos, foram também identificados outros concheiros, em ambas as margens.

Na verdade, toda esta ocupação arqueológica, remonta ao Paleolítico inferior, período a partir do qual numerosas jazidas arqueológicas ali foram identificadas. Toda esta zona foi e é, muito pródiga em recursos económicos para os caçadores-recolectores e mesmo posteriormente, até aos dias de hoje, os seus solos aluviais e a riqueza faunística existente no estuário do Tejo, possibilitou a permanência de todas estas populações, na região.

3. Trabalhos arqueológicos realizados na Moita do Sebastião

Os concheiros de Muge foram identificados pela primeira vez por Carlos Ribeiro, durante prospecções efectuadas em 1863, no baixo Vale do Tejo. No entanto, apenas em 1880, começaram as escavações. Os primeiros trabalhos foram publicados nas Actas da IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Histórica.

Carlos Ribeiro explorou, sobretudo, as necrópoles do Cabeço da Arruda e da Moita do Sebastião. Nelas detectou mais de 120 esqueletos, mas o trabalho arqueológico na época era diferente do actual; a localização e exploração correcta de cada sepultura não foi realizada.

O autor fez ainda notar a existência de:

- Sepulturas agrupadas, indiciando um certo alinhamento entre si;
- Possível orientação na disposição dos corpos;
- Utilização de dois tipos de posição dos corpos na sepultura: em posição fetal e posição longitudinal;
- Não identifica material votivo

Em Junho de 1884 e 1885 Paula Oliveira reiniciou os trabalhos nos dois concheiros atrás citados. Descreveu o concheiro da Moita do Sebastião, como apresentando uma área elíptica de cerca de 300 m² e com estratos apresentando uma potência de 2,5 m. No decurso das duas campanhas detectou 52 esqueletos. Tal como anteriormente, os esqueletos não foram identificados com os seus locais de proveniência, de onde a impossibilidade de se retirarem dados consistentes para este trabalho.

De qualquer o acima citado arqueólogo legou-nos mais algumas conclusões quanto aos vestígios encontrados. Assim:

- Os esqueletos femininos são duas vezes mais abundantes que os dos homens sendo a grande percentagem de esqueletos de tipo infantil
- Inexistência de um ritual funerário, muito embora pense que os habitantes dos concheiros podiam já acreditar na vida para além da morte.

Estes foram os trabalhos levados a cabo no séc. XIX.

O âmbito do nosso trabalho vai centrar-se, exclusivamente, nos dados atrás referidos provenientes de 34 sepulturas da necrópole da Moita do Sebastião.

Aspectos Sepult.	Orient.	Sexo	N.º Ind.	Posic.	Vest. Carb.	P. Liti. Sílex	P. Liti. Quartz.	Conch. Fur.	Conch. Aber.	Conch. Fech.	Ocre	Hematite
1	NO-SE	IH/IM	2	Fetal	Sim	—	—	7NE. Flu	—	—	—	—
2	?	?	1	?	—	—	—	—	—	—	—	—
3	NO-SE	IH	1	Fetal	Sim	—	—	—	—	Tapes lei. Decussa	Sim	—
4	?	I?	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—
5	NO-SE	IH	1	Fetal	—	—	—	14 Neritina Fluvi	—	—	—	Sim
6	NO-SE	IC(±2A)	1	—	—	—	—	Nerit. Fluviat	—	—	Sim	—
7	NO-SE	IM/IC(M)	2	—	—	—	—	—	—	—	—	—
8	?	IM	1	—	—	—	—	Nerit. Fluvia 1	—	—	—	—
9	NNE-SSO	IM	1	Costas/ao comp.	—	—	—	—	—	—	—	—
10	NE-SO	IH	1	Fetal	—	—	—	—	—	—	—	—
11	ONO-SES	IM	1	—	—	—	—	5 Nerit. Fluviat.	—	—	Sim	—
12	2NO-SSE	IM	1	Semi fetal	—	—	—	—	Helix Pisana	—	—	—
13	N-S	IH(J)/IJ IC(12A)/IC(3A)	4	—	—	—	—	—	—	—	—	—
14	O-E	IH	1	Fetal	—	—	—	—	—	—	—	Sim
15	SE-NO	IH	1	Mãos nas ancas/ pernas semi-flet.	—	—	Cilin. Quartz	—	—	—	—	—
16	E-O	IDO · IM(SA)	1	Semi-fetal	—	—	—	—	—	—	—	—
17	SE-NO	IH	1	Fetal	—	—	—	—	—	—	—	—
18	N-S	IH/IM(J)	2	—	—	—	—	—	—	—	—	—
19	NO-SE	IM	1	Fetal	—	—	—	—	—	—	—	—
20	NO/SE	IM	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—
21	?	I?	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—
22	SSE-NNO	IC(2A)	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—
23	?	IC(10A)	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—
24	?	IC(18M)	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—
25	?	IC(1A)	1	—	—	—	—	17 Nerit fluviat.	—	—	—	—
26	?	IC(2/4A)	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—
27	?	IC(6/8A)	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—
28	?	I?	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—
29	?	I?	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—
30	NO-SE	IH	1	Fetal	—	—	—	—	—	—	Sim	—
31	NO-SE	IM	1	Fetal	—	—	—	—	—	—	—	—
32	N-S	IM	1	Fetal	—	1 Trapéz	—	—	—	—	—	—
33	S-N	IM	1	Fetal	—	—	—	—	Scrobicularia pla. gr.	—	—	—
34	N-S	IH	1	Fetal	—	—	—	—	—	—	—	—

5. Análise do Quadro

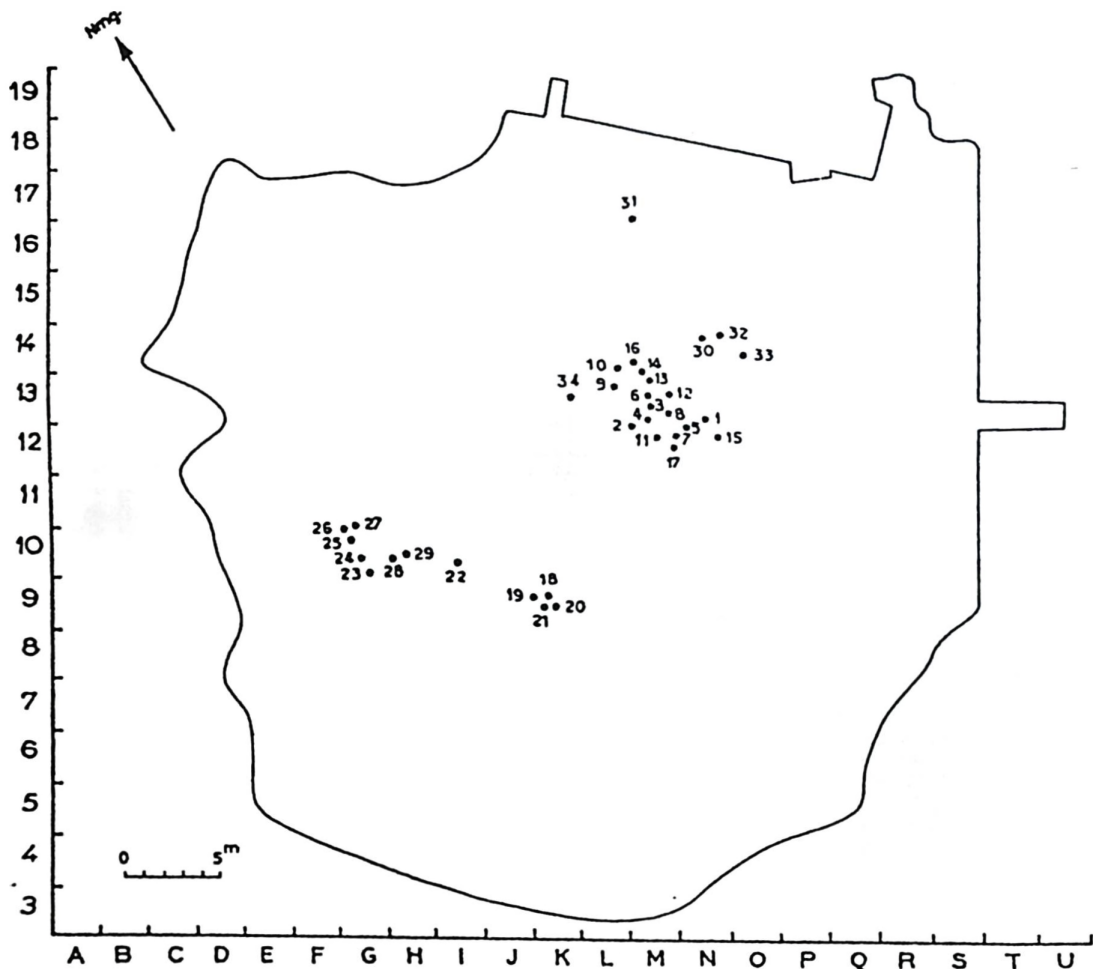
5.1 Localização da necrópole na estação

A necrópole da Moita do Sebastião localiza-se sob o habitat. Durante o séc. XIX todos os esqueletos inumados, localizavam-se nessa zona. No entanto, quer devido a remeximentos antigos, quer a outros recentes, os vestígios desses enterramentos foram encontrados em péssimo estado de conservação.

Assim, todas estas sepulturas encontradas na base estratigráfica do concheiro, onde sobre a brecha foram depositados os corpos. Foi este tipo de inumação que resistiu ao tempo e chegou em melhor estado até nós.

Todo o material foi, posteriormente, trabalhado em laboratório por Denise Ferembach. Já nos anos 80 tornou a ser estudado por uma equipa de antropólogos canadianos.

Para uma melhor localização de todo o conjunto veja-se a fig. 1



Plano das Sepulturas

5.2.

A necrópole da Moita do Sebastião é do tipo de inumação individual (regra geral), sendo que apenas em 4 casos nos aparece uma inumação múltipla. Relativamente ao período em que a mesma foi utilizada, o mesmo não deverá ter sido muito superior ao de duas, ou três gerações, pelo menos na zona a que este trabalho se refere. Isto porque todos os enterramentos se encontram na rocha de base, em dois grupos bem evidenciados, aproveitando, intensamente, as duas zonas referenciadas e sempre num mesmo plano estratigráfico, pese embora o facto de existirem enterramentos imediatamente sobrepostos, ou ocupando parte de um mesmo espaço.

5.3 Relações entre enterramentos

Pela análise do quadro atrás referido podemos retirar algumas conclusões quanto ao tipo de sociedade existente nesta área do Mesolítico Português, muito embora o facto do universo numérico com que trabalhamos seja reduzido. Mas, relações de ordem sexual, dos comportamentos ao nível de idades e mesmo de tipo «familiar», podem ser conservadas a partir desta análise.

5.3.1 Ao Nível Sexual

Quanto a este aspecto, a sociedade em presença parece mostrar um grande sentido de igualdade entre sexos, pelo menos aparentemente. Não existem vestígios de um tratamento cial a qualquer um dos sexos, sendo as crianças tratadas também como membros integrantes do grupo.

Observando atentamente o espólio existente nas sepulturas, podemos mesmo afirmar uma certa tendência para um tratamento de preferência entre aquelas pertencentes às mulheres.

Para finalizar este ponto, temos ainda que relembrar as conclusões de Paula Oliveira que evidenciava a diferença existente entre mortos masculinos e femininos. Esta diferença não se detectou neste conjunto, mas este aspecto terá que ser revisto num universo mais amplo, de preferência a partir de todos os vestígios encontrados até hoje.

5.3.2 Ao Nível das Idades

Neste caso, continuamos a observar que estas populações não tinham uma especial consideração, nem dariam, em princípio, um tratamento fora do comum às sepulturas quer de jovens, quer de idosos, quer ainda de pessoas de meia-idade.

A única sepultura pertencente a uma mulher de idade (n.º 16) não revela qualquer tratamento especial. Por outro lado, é bem nítido, numa percentagem elevada de casos, uma localização diferente no enterramento das crianças e dos adultos. Em investigações futuras este aspecto é de ter em conta, pois poderá apontar para diferentes estágios de participação na sociedade?...

Estes são, assim, os aspectos mais relevantes quer para já podemos apontar neste campo.

5.3.3 Ao Nível da «Família»

Claro que nos encontramos aqui num campo extremamente complexo. A palavra família poderá ser incorrectamente utilizada, mas atendendo a alguns aspectos que nos foi dado observar, arriscámos.

Acontece que em duas sepulturas existem enterramentos duplos e sempre de um homem com uma mulher. Tendo sempre em conta o reduzido universo, parece-nos que este facto poderá indicar a existência de um tipo de relação monogâmico, que seria a base do que poderíamos chamar uma «família». De resto não encontramos qualquer vestígio de sepulturas que nos indiquem outro tipo de relação, sendo, as restantes, na sua maioria, individuais.

5.3.4 Outros Aspectos

Embora a maioria dos enterramentos sejam individuais, temos ainda a considerar alguns que fogem a esta regra. Entram neste caso a sepultura 13 de onde 4 corpos foram retirados, possivelmente quatro indivíduos que morreram pelas mesmas razões e a mesma zona de enterramentos foi aproveitada em comum. Outro caso é o de uma inumação dupla (mulher e criança). Morte da mãe e da criança à nascença? Tudo parece indicá-lo. De resto, apenas os dois enterramentos duplos, já mencionados anteriormente.

Este panorama, no que respeita à análise dos enterramentos, mostra-nos, em nossa opinião, um grupo relativamente desenvolvido no plano social. A individualidade de cada um, desde criança até uma idade avançada parecia estar assegurada. Um certo ritual funerário (quer quanto ao posicionamento dos corpos, quer à orientação dos mesmos), juntamente com os materiais existentes em várias sepulturas, parece indiciar uma «sociedade» sem grandes tensões⁽¹⁾.

5.4 Aspectos relacionados com o «status»

Pelo que atrás ficou dito, esta sociedade parece estar ainda numa fase de arranque no sentido de uma diferenciação mais acentuada em termos da sua estratificação. Isto porque embora não existam grandes diferenças em termos do material votivo encontrado, elas começam a detectar-se, nomeadamente ao nível dos materiais corantes e na sua correlação com a fauna malacológica.

Há que ressaltar aqui um aspecto importante, que é a impossibilidade de se encontrar peças votivas em materiais facilmente degradáveis (ex. madeira). Na realidade, e com base nas actuais populações ribeirinhas, a madeira seria um material muitíssimo usado pela sociedade mesolítica do vale do Tejo. Madeira nas embarcações, no habitat, nas armas de pesca e caça, nas peças de adorno e porque não... nas votivas. Assim, este aspecto que poderia definir melhor a evolução e o status social destas populações, não pudemos, pelo menos até hoje, a ele ter acesso.

De resto, apenas uma «curiosidade», que teria que estar melhor documentada por outros exemplos. é o facto da única peça lítica (geométrico) ter sido encontrada numa sepultura feminina. Sobre este aspecto não adiantaria muito mais, pelo menos por agora.

5.5. Algumas Ideias sobre a Forma de Utilização da necrópole

Podemos, sem dúvida alguma, falar de rituais funerários que eram realizados aquando dos enterramentos;

- Vestígios de fogueiras junto às sepulturas
- Utilização de fauna malacológica como material votivo
- Colocação do corpo em posição fetal (regra geral)
- Orientação do corpo, na maioria dos casos, dentro dos quadrantes N/W e E/S.

Estes são os aspectos que melhor evidenciam o que acima disse.

Mas se este aspecto pode ser considerado «resolvido», já outros aspectos ficam em aberto. É o caso da motivação que terá levado estas populações a enterrar os seus mortos sob os seus locais de habitat, ou pelo menos no perímetro desse local. Isso pode levar-nos a pensar num possível conceito de território, ligado a um grupo-tribo; sendo que as suas zonas de ocupação teriam um carácter sacralizante.

Deste conjunto de aspectos à existência concreta de uma religião vai uma distância muito curta. Esperemos, no entanto, por novos dados.

Nota Final: Após a realização deste artigo, já durante a sua fase de impressão, os doutores Lerenó Antunes e Santinho Cunha publicaram um trabalho sobre este tema, o qual trouxe novos e interessantes dados à problemática em questão.

RÉSUMÉ

Ce travail est un premier essai sur un ensemble archéologique — nécropole da Moita do Sebastião — selon une nouvelle perspective méthodologique: L'archéologie de la morte.

À partir des nouvelles perspectives commencées par l'archéologie da «morte» — on veut faire sortir des inhumations effectuées par Roche/V. Ferreira de nouveaux éléments en ordre à l'espace et au social (hiérarchie, relations de type familial, sexualité) en essayant ainsi, commencer une révision global sur les populations postwürmianas de la basse vallée de la Tage.

BIBLIOGRAFIA

ALEKESIN, V. A. «Burial Customs at an Archaeological Source», *Current Anthropology*, 24 (2), 1983.

ATHAÍDE, A. «Novos esqueletos humanos dos concheiros mesolíticos de Muge», in «I Congresso do Mundo Português», Lisboa, t. I, 1940.

BARTEL., B. 1982: «A Historical Review of Ethnological and Archeological Analysis of Mortuary Practice», *Journal of Anthropological Archaeology*, 1, 1982.

BROWN, J. (ed.) «Approaches to the social dimensions of mortuary practices». Memoir n. 25. Society of American Archaeology, *American Antiquity*, 36. 1973.

— «Grave orientation: a further view» *The Archaeological Journal*, 140.

- «Quantitative Burial Analysis as Interassemblage Comparison», En N. S. Aldenferder (ed.): *Quantitative Research Archaeology*, 1987.
- CASTRO MARTÍNEZ, P. V. «Organización espacial y jerarquización social en la necrópolis de las Cogotas (Ávila)» *Arqueologia Espacial*, 9.
- CORREIA, A. A. Mendes — «Note préliminaire sur les squelettes pré-historiques de Moita do Sebastião», in «IV Congresso Internacional de Ciências Pré y Protohistoricas», Madrid (Zaragoza, 1956).
- FEREMBACH, D. — «Les Épipaleolitiques de Muge (Portugal). In Memoriam do Abade Breuil». «Revista da Faculdade de Letras de Lisboa», t. III, v. 1, 1966.
- «Le gisement Mésolithique de Moita do Sebastião (Muge, Portugal)». Antropologia. Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1974.
- HERVÉ, G. — «De l'existence d'un type humain à caractères vraisemblablement négroïde dans les dépôts conquilliers mésolithiques de la vallée du Tage». «Revue Anthropologique», t. XL, n.º 7/8, 1930.
- O'SHEA, J. M. *Mortuary Variability. An Archaeological Investigation*, Academic Press., N. York, London, 1984.
- «Cluster Analysis and Mortuary Patterning, An Experimental Assesment. En A. Voorrips y H. Loring (eds); *To Pattern the Past Proceeding of the Symposium on Mathematical Methods in Archaeology* PACT II, 1985.
- ROCHE, J — «Le gisement mésolithique de Moita do Sebastião à Muge (Portugal). Les traces d'habitat et d'organisation sociale». «Bulletin de la Société Préhistorique Française», t. LX, 1963.
- «Le gisement mésolithique de Moita do Sebastião (Muge, Portugal). Archéologie». Instituto de Alta Cultura, Lisboa, 1972.